

fazer história contemporânea

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 11 • 2011

instrumentos para uma avaliação crítica das obras historiográficas bem como das matizes historiográficas contemporâneas.

Com o mesmo rigor e amplo escopo da produção histórica de Estêvão de Rezende Martins, a presente publicação apresenta-se como uma boa base para reflexões mais aprofundadas sobre processos fulcrais da hodiernidade histórica.

Isabel Maria Freitas Valente

Bolseira de Doutoramento da FCT/CEIS20

Membro *Team Europe*

---

**ANTUNES, João Lobo – *Egas Moniz. Uma biografia*. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 2010. 375 p. ISBN 978-989-616-398-3.**

Não é difícil compulsar duas dezenas de textos do autor sobre o biografado sem, no entanto, pretender esgotar tudo o que tem publicado a esse respeito: entrevistas, artigos, capítulos em livros, prefácios e catálogos de exposições *in memoriam*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Destacamos: ANTUNES, João Lobo – “As cartas de Egas Moniz para Almeida Lima”. In ANTUNES, João Lobo – *Um modo de ser*. 10ª ed. Lisboa: Gradiva, 1996. ISBN 978-972-662-499-8. p. 173-201; “Egas Moniz homem de letras”. In ANTUNES, João Lobo – *Numa cidade feliz*. Lisboa: Gradiva, 1999. ISBN 978-972-662-704-3. p. 213-223; “Pedro Almeida Lima”. In ANTUNES, João Lobo – *Um modo de ser*. 10ª ed. Lisboa: Gradiva, 1996. p. 139-145; “Psicocirurgia – Uma história”. In ANTUNES, João Lobo – *Numa cidade feliz*. Lisboa: Gradiva, 1999. p. 225-248; “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro”. In ALVES, M. Valente – *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. Catálogo da Exposição. 431 p.; e “Egas Moniz hoje”. In ANTUNES, João Lobo – *O Eco Silencioso*. Lisboa:

Trata-se, pois, de um especialista que soma à sua condição de neurocientista como Egas Moniz o foi *avant la lettre*, as de médico, político e escritor. De certo modo, o som dos seus passos soa numa sala de eco onde se podem adivinhar ainda as passadas de seu pai, João Alfredo Lobo Antunes; seu tio-avô, Pedro Almeida Lima; e do próprio Egas Moniz. Esta é pois uma biografia de um próximo de próximos, profundo conhecedor dos meandros da neurologia, da cultura e da política em que o biografado habitou; um texto povoado por sucessivas idas e voltas entre o reconhecido fascínio que a personagem exerce sobre o biógrafo, e o esforço de distanciamento necessário para dar conta das dimensões críticas que asseguram a rejeição do modo hagiográfico.

Esta é também uma biografia que reflecte, para além da reunião de múltiplas e esparsas anotações que foi escrevendo acerca do Mestre Egas, uma série de comentários à vastidão das leituras que fez acerca do que se foi publicando sobre a Angiografia Cerebral, a Leucotomia Préfrontal, e sobre a sua figura, as simplificações, inexactidões, distorções e mentiras.

A estruturação do texto obedece a um esquema quase cronológico, em que são valorizadas fases da vida, actividades e episódios geralmente omitidos ou desvalorizados no acervo de textos de carácter biográfico, biografias científicas e outros ensaios afins, publicados até hoje, incluindo naturalmente a produção do próprio Egas Moniz.

O Mestre Egas que sai da pena de João Lobo Antunes é de uma humanidade mais consentânea com as ideias que temos sobre os homens, contraditório, ambicioso,

---

Gradiva, 2008. 262 p. ISBN 978-989-616-281-8. p. 97-109.

vaído e determinado. Adianta informação desconhecida ou pouco divulgada, combinando habilidosamente evidências de escala variável: o número do calçado e o egocentrismo que tendia a eclipsar a importância das contribuições dos outros.

Pela leitura dos textos que o biógrafo dedicou ao assunto no passado, verifica-se que formou, do sábio de Avanca, a imagem que agora nos oferece, ao longo dos anos, julgando-lhe os traços de carácter, a personalidade e a obstinação com base em muito mais do que nos revela por via das fontes consultadas. Esta circunstância faz de João Lobo Antunes um biógrafo privilegiado que partilhou testemunhos de gentes que conviveram e trabalharam com Egas Moniz. De outro modo, pormenores como o dos olhos de cadáveres que seu pai guardou no frigorífico do Hospital de Santa Marta, ao lado dos recipientes contendo o almoço, não teriam sido possíveis. E se, à primeira vista, estes pormenores podem parecer anódinos, não deixam de revelar-se tópicos reconstituintes do contexto, emprestando vivacidade ao discurso e ancoragem humanista ao quotidiano.

Relativamente ao objecto cultural e de cultura científica em que a figura de Egas Moniz se converteu, João Lobo Antunes vem dizer-nos duas coisas importantes. Primeiro que se demarca da ladainha elogiosa do cientista mitificado que é suposto celebrar enaltecendo-lhe o génio e evitando ao máximo deslustrar a pessoa que foi. Segundo, que as suas invenções (a Angiografia e a Leucotomia) foram realizações extraordinárias, aquela mais consensual, apesar da falta de clarividência com que muitos (incluindo os membros do Comité Nobel) a receberam; esta mais controversa mas também valiosa, não fosse, na época e hoje, a incapacidade de avaliar o alcance da *psicocirurgia*.

Digamos que, para “fazer justiça” ou “resgatar” a memória de Egas Moniz<sup>2</sup>, João Lobo Antunes revelou as luzes e as sombras do actor histórico, dentro de certos limites, num enquadramento benévolo da carreira política de Moniz, da *militância progressista* da Monarquia Constitucional até aos incómodos do *sidonismo*, mas recusou uma discussão mais contrastada acerca da Leucotomia. O tom preceptivo e o julgamento radical em que embrulha as posições dissonantes, difere da série de abordagens dialogantes e matizadas dos capítulos anteriores. Este encarniçamento súbito faz supor haver nesta área uma espécie de reduto simbólico. Aqui chegado, o biógrafo dardeja em todas as direcções, nalguns casos com inteira razão, mas recusando a problematização de um método que sempre coxeou teoricamente e que, ainda que outras dúvidas fundadas não houvesse, se nutriu de clamorosos enviesamentos na avaliação dos resultados.

Poder-se-ia dizer que estes debates em torno das invenções de Egas Moniz extravasam o círculo biográfico adoptado nesta obra de João Lobo Antunes e que o neurocirurgião ocupa de súbito todo o espaço discursivo, não podendo deixar passar em claro o chorrilho de inexactidões que tem lido e ouvido, assumindo que, no caso da *psicocirurgia*, se deve olhar para Mestre Egas com outras lentes que não as das simplificações nem as das superficialidades que povoam os escritos de quem tem uma diferente perspectiva disso tudo. Porém, neste aspecto, a biografia cede o passo a uma peleja destemida contra a *ignorância* reinante. Digamos que neste ponto ficamos todos a perder com a lacuna histórica de um debate, que tal como

---

<sup>2</sup> Duas das expressões que se têm repetido nas entrevistas e recensões acerca desta biografia.

muitos outros debates, foi evitado ou censurado pelo *status quo* intelectual e científico, deixando-nos prisioneiros da nossa curiosidade, sem sequer dispormos de uma história da *psicocirurgia*, continuando a evitar ou desvalorizar a parte mais sombria de um método questionável.

João Lobo Antunes opta por uma síntese que deixa de fora o afastamento de Diogo Furtado, após uma colaboração directa na primeira série de leucotomias; os comentários de Luís Cebola, director clínico da Casa de Saúde do Telhal, onde tiveram lugar muitas dessas leucotomias; o alcance das flutuações de enunciado de Barahona Fernandes; as observações desabonatórias de alguns elementos da equipa do Júlio de Matos; a oposição de Sobral-Cid, o estudo empreendido por Nunes da Costa, que vem inserido na bibliografia seleccionada mas não foi objecto de nenhuma referência no texto e, *last but not least*, a subtil demarcação do próprio Almeida Lima relativamente à psicocirurgia.

Uma questão interessante a colocar seria a de saber se em 1949, quando Egas Moniz recebeu o Prémio Nobel, a neurologia tinha já conseguido superar as dúvidas que Egas Moniz e Diogo Furtado tinham expresso em 1937<sup>3</sup>.

Quanto ao resto, à recepção esperançosa de uma neurocirurgia que parecia abrir enfim caminho a melhorias ou curas do foro psiquiátrico, o autor traça com felicidade o quadro de uma época em que a escassez de terapêuticas eficazes explicava o recurso combinado à indução do coma insulínico, ao *torpedeamento*

(choques eléctricos), aos banhos gelados ou escaldantes, à camisa-de-forças e à psicanálise.

Há, no entanto, na apreciação histórica de João Lobo Antunes, um problema interessante que apenas enunciaremos aqui, remetendo para outro texto<sup>4</sup> o desenvolvimento que merece: o problema dos purismos anti-anacronistas, que se coloca em dois planos: no plano da análise de contexto, desvalorizando as contradições já então existentes e significativas, focando, ao invés e preferencialmente, as críticas formuladas muito mais tarde; e no plano da simetria, afrouxando demasiado a vigilância em relação ao que no desenvolvimento da neurocirurgia pode ser considerado o legado de Egas Moniz e Almeida Lima.

No primeiro plano, sublinhe-se a desvalorização que no processo científico foi feita relativamente à componente teórica. O protesto foi tão generalizado e efectivo que o próprio Egas Moniz, por altura da sua jubilação e, ainda sem o saber, a cinco anos de lhe ser atribuído o Prémio Nobel, declarou a intenção de se ocupar mais desse aspecto, pois mesmo até os médicos organicistas levantavam objecções<sup>5</sup>. A lesão frontal desencadeava uma série de efeitos, em cerca de 30% dos casos produzia uma alegada melhoria do estado de saúde do doente, mas porquê? Porque é que, sendo procedimento igual para todos os operados, os resultados eram tão díspares? Egas Moniz não respondeu a esta questão. Porém, foi no seu tempo, no seu contexto, que as dúvidas começaram

---

<sup>3</sup> MONIZ, Egas; FURTADO, Diogo – *Essais de traitement de la schizophrénie par la leucotomie préfrontale*. Extrait des Annales Médico-Psychologiques. Paris: Masson. N° 2 (Juillet 1937).

---

<sup>4</sup> Ver na presente edição, do mesmo autor, *Biografia, processo e contexto: uma reavaliação de Egas Moniz*. p. 391-405.

<sup>5</sup> Ver MONIZ, Egas – *Última lição*. Lisboa: Portugal, 1944. p. 25.

a fervilhar. Neste aspecto, nós fomos apenas os herdeiros de uma história de controvérsias.

É claro que a *estereotaxia* estava ainda para nascer e que a precisão ortogonal das neurocirurgias de hoje era impossível. Acusá-lo de não conseguir aquilo que só recentemente se tornou viável seria uma exigência risível. E é claro, também, que o grau de invasividade e a irreversibilidade das leucotomias estava fora do alcance do aparato tecnológico da época. Qualquer reparo nesse sentido desfaz-se em pura fantasia. Mas, então, passando agora ao segundo plano, – o plano da simetria – como atribuir ao legado de Moniz o mérito de desenvolvimentos posteriores? É neste ponto que nos podemos interrogar acerca do teste avançado pelo purismo anti-anacronista. Quando olhamos o passado julgando-o com os conhecimentos, valores e sensibilidades de hoje, cometemos um erro crasso, já que as pessoas do passado não estavam em condições de pensar, sentir e orientar-se como nós o fazemos. Mas quando imaginamos o passado a olhar para nós, vendo no que fomos construindo ao longo dos anos, coisas que eles não podiam ainda saber nem, em muitos casos, compreender ou sequer imaginar, – de que se trata? Não serão esses méritos retroactivos vítimas do tipo de anacronismo simétrico?

Na viragem do século, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita publicaram uma obra marcante sobre as diferentes perspectivas acerca de Egas Moniz, vida, obra e representações<sup>6</sup>. A riqueza de conteúdo, a abertura temática e a pluralidade das posições expressas davam o sinal de que a forma de existência do conhecimento é

controversa e exprime-se frequentemente nas controvérsias. Juntamente com os estudos de António Fernando Cascais<sup>7</sup>, Tiago Moreira<sup>8</sup>, Maria Helena Roque<sup>9</sup>, e outros mais que injustamente aqui omito, António Lobo Antunes vem assegurar-nos, com a sua biografia, que Egas Moniz continua em Livre Exame.

Manuel Correia  
Investigador do CEIS20

---

<sup>7</sup> CASCAIS, António Fernando – “A inversão do princípio de legitimidade da intervenção bio-médica no corpo humano: de Egas Moniz à engenharia genética”. *CTS. Revista de Ciência, Tecnologia e Sociedade*. N.º 10 (1989) p. 30-33. CASCAIS, António Fernando – “De Egas Moniz à engenharia genética: Um questionamento bioético”. *Sociologia – Problemas e Práticas*. N.º 9 (1991) p. 57-76. CASCAIS, António Fernando – “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a psicocirurgia e o prémio Nobel”. In NUNES, João Arriscado; GONÇALVES, Maria Eduarda (Orgs. et al.) – *Enteados de Galileu? Semiperiferia e intermediação no sistema mundial da ciência. A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização*. Porto: Afrontamento, 2001. Vol. V. 360 p. ISBN 972-36-0573-2. p. 291-359.

<sup>8</sup> MOREIRA, Tiago – *Large gain for small trouble. The construction of cerebral angiography*. Edimburgh: Msc. in Science and Technology Studies – The University of Edimburgh, 1996-1997.

<sup>9</sup> ROQUE, Maria Helena Neves – *Positivismo e visibilidade na obra de Egas Moniz (1874-1955)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Secção Autónoma de Ciências Sociais Aplicadas, 2002. Tese de Mestrado.

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (Org.) – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva, 2000. 414 p. ISBN 972-8318-96-0.